

RELATÓRIO SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL DAS A.I. CANA BRAVA/ GUAJAJARA E LAGOA COMPRIDA, MUNICÍPIOS DE BARRA DO CORDA E GRAJAÚ - MA

Motivo da estadia: Coleta de dados para tese de doutoramento sobre as causas e pré-condições dos movimentos políticos recentes dos índios do Brasil - estudo de caso.

Duração da estadia: Outubro a dezembro de 1.990.

Aldeias visitadas: Cana Brava (sede do Pôsto), Cacimba Velha, Crioli, Lagoa Comprida, Porco, Cocalinho e, na A.I. Guajajara, Barreirinha e São Pedro. Além disso, foram visitados um povoado de invasores (São Pedro dos Cacetes) e vários povoados vizinhos das áreas indígenas.

1. Atividades científicas

A coleta de dados foi realizada em todos os lugares acima mencionados e fora das áreas indígenas, no arquivo da DR de Barra do Corda. Os assuntos de interesse particular no contexto da pesquisa foram: trabalho e funcionamento da Associação Guajajara; conflitos de terra/ segurança dos limites; atividades da política indigenista ou, respetivamente, falta de assistência dela; a política desenvolvimentista regional; situação econômica dos Guajajara, especialmente em relação à população brasileira; sua identidade cultural; procedimento das autoridades políticas tradicionais; nível de instrução, principalmente os conhecimentos dos protagonistas da Associação sobre a sociedade brasileira; atividades de grupos de apoio. Outros aspectos da cultura guajajara também foram registrados conforme as possibilidades temporais.

Como métodos apliquei entrevistas não-estandardizadas e, mais tarde, semi-estandardizadas, observações participantes sistemáticas e conversas livres posteriormente registadas. Parece que estes métodos mais livres agradaram aos Guajajara e facilitaram a pesquisa. De informantes não só serviram os caciques, mas também cada pessoa que mostrou um procedimento político modificado ou pelo menos uma consciência política alterada, i.e. inclusive funcionários indígenas da FUNAI.

Os Guajajara entenderam parcialmente os motivos da pesquisa e aceitaram a presença do pesquisador o que facilitou muito a coleta dos dados respetivos.

Sem o apoio dado por parte do pessoal da FUNAI de Barra do Corda, muitas atividades teriam sido mais problemáticas. Neste contexto, tenho que

mencionar principalmente as seguintes pessoas: o Administrador Regional, Júlio César de Moraes, a responsável pelo Setor de Educação, Ionides Aparecida Guimarães, o chefe do PIN Cana Brava, Paulo Andrade dos Santos, e a enfermeira do mesmo posto, Celene Marques de Coelho.

2. Situação Geral dos Guajajara das A.I. Cana Brava/ Guajajara e Lagoa Comprida

Estes índios mantêm, já desde o fim do século passado, contatos permanentes com a população regional, que se intensificaram extremamente nas últimas três décadas, o que teve como consequência uma flagrante descaracterização de sua cultura em muitos aspectos. As semelhanças entre a cultura guajajara e a maranhense rural são muito óbvias naquela região, não só quanto à cultura materializada, mas também no sistema de valores. Resultados desses contatos são a dependência econômica e medicinal da população colonizadora e todos os seus demais impactos como, p.e., alcoolismo, exploração incontrolada das riquezas naturais das áreas por madeireiros e caçadores, e dissolução de estruturas sociais tradicionais. Pela falta de caça foram abandonados muitos elementos da cultura tradicional, destacando-se as festas e cerimônias, cujas realizações agora dependem de pagamentos da ELETRONORTE para a compra de carne de boi. Estes problemas aparecem predominantemente nas aldeias à beira da BR-226, Cana Brava e Leite (na A.I. Lagoa Comprida). A maioria das aldeias, que raras vezes contam com mais de 300 habitantes, abandonaram as formas tradicionais de coabitação.

Atualmente os Guajajara da A.I. Cana Brava enfrentam grandes dificuldades em manter uma própria identidade cultural. No passado, esta orientou-se na língua indígena e na religião étnica. Mas com a atuação reforçada de missionários protestantes fundamentalistas, principalmente da "Assembléia de Deus", hoje em dia uma das bases mais importantes da antiga cultura guajajara é ameaçada de extinção. Com isto, intensificaram-se contatos com a população colonizadora, na maioria dos casos fora do controle do órgão protetor. Os próprios Guajajara tentam salvar a identidade cultural por recorrer a sua história comum regional. Esse problema é de muito maior importância para as gerações mais novas que são mais influenciadas pelos valores comuns da sociedade brasileira.

3. Problemas Específicos

3.1. A Questão da Terra

A insegurança dos limites é o maior problema da A.I. Cana Brava. É possível reduzi-lo, principalmente, à existência de um grande povoado dentro dos limites: São Pedro dos Cacetes. Em vista da existência de muitos relatos sobre a problemática a ele relacionada, não vale a pena repeti-los aqui. O fato que esse povoado já existe desde o fim da década de 50 e que até agora não tem sido realizada uma solução adequada para os dois partidos - os índios e os invasores - causou entre os Guajajara desconfiança do Governo Federal e Estadual e, em particular, da FUNAI. Os Guajajara lembram-se detalhadamente de todos os desleixos e escândalos políticos regionais, de todas as soluções prometidas e não cumpridas, do desvio de recursos destinados originalmente para a transferência e indenização dos invasores.

Entretanto, os impactos negativos da presença do povoado não pararam: nas imediações de São Pedro dos Cacetes toda a paisagem está devastada, a mata virgem transformada em carrasco, sem madeira alguma, de maneira que, mesmo com a expulsão imediata dos invasores, a mata precisaria de pelo menos 100 a 150 anos para recuperar-se. Atualmente as roças e pastos de São Pedro avançam na direção da aldeia Crioli. Com a presença de quase 5.000 invasores em relação aos 1.030 Guajajara a área por indivíduo reduziu-se drasticamente: de 38,57 ha a 6,58 ha. Além disso, os Guajajara são um povo de grande crescimento populacional e que precisa de mais espaço para as gerações futuras. Entre os impactos mais nocivos da presença do povoado é de se mencionar também a depredação quase completa da caça principal, já parcialmente afugentada pelo tráfego frequente de caminhões nas estradas que ligam o povoado com outros fora da área indígena.

Durante a minha estadia não houve conflitos abertos, mas furtos de gado ou queimas de colheitas são casos que podem suceder todos os dias e criar motivos para conflitos sangrentos. O caso de São Pedro dos Cacetes requer uma solução imediata porque a maioria dos problemas atuais dos Guajajara de Cana Brava relacionam-se com ele.

Outro povoado, Jenipapo dos Vieiras, vizinho da área e muito perto da aldeia Cana Brava, mantém relações muito pacíficas com os índios, mas cachaceiros e outros elementos conseguiram convencer os caciques e outras pessoas de três aldeias - Cana Brava, Cacimba Velha e Crioli - a permitir a entrada de madeireiros e caçadores que estão destruindo as matas e acabando com os restos esparsos da caça. A recompensa não é mais que uma gorjeta. Os esforços do Chefe de Pôsto de Cana Brava para conscientizar os caciques dos prejuízos causados com essas permissões até agora não têm obtido os resultados dese-

dos.

Na A.I. Lagoa Comprida existe o problema da entrada de comerciantes de cachaça e maconha na aldeia Leite, seduzindo os índios ao consumo de cachaça e à participação no comércio de drogas por produzir as plantas nas roças. Embora nomes e moradias daqueles comerciantes sejam conhecidos e ações imediatas já tenham sido solicitadas pelo Chefe de Pôsto, a FUNAI, até o fim da minha estadia, não tem reagido por solicitar mobilização da Polícia Militar. O cacique de Lagoa Comprida, ao mesmo tempo funcionário da FUNAI, ainda não decidiu-se por aplicar medidas coercivas.

Na A.I. Guajajara não há conflitos de terra.

Um agravamento geral da insegurança jurídica dessas áreas é causado pela falta de homologação das demarcações, necessária já desde muitos anos.

3.2. Situação Econômica

Até agora os Guajajara não se integraram nos padrões econômicos regionais. As dependências mencionadas acima são de um tipo diferente.

Agricultura:

A situação econômica da área Cana Brava é dominada pela presença de São Pedro dos Cacetes. Embora os solos sejam muito férteis e propícios para o cultivo de uma grande variedade de espécies, a redução da área pelos invasores gera dificuldades sérias para a agricultura indígena. Em geral, os Guajajara cultivam principalmente para o consumo próprio. Apenas menores quantidades de arroz, melancia, mangueiras e outros fruteiros são plantados para comercialização nos mercados regionais. Lucros baixos e preços incertos dão poucos incentivos para uma produção elevada. Também a má coordenação entre os períodos de plantio e a chegada das sementes fornecidas pela FUNAI via convênios especiais impedem produções mais eficazes, porque os índios confiam no apoio prometido. Sem este apoio ou, respectivamente, com um fornecimento mal organizado, sofrerão períodos de escassez e até de fome. Quanto a uma diversificação de espécies de plantio, só a região do rio Corda traz dificuldades, porque lá os solos (chapadas) são pouco férteis.

Caça:

Nas áreas Guajajara e Lagoa Comprida a caça ainda é abundante, enquanto que em Cana Brava existem problemas sérios de abastecimento com proteínas animais. Quase toda a caça maior já desapareceu por causa da presença de São Pedro dos Cacetes, da entrada mal impedida de caçadores de Jenipapo dos

Vieiras e do tráfego intenso demais de carros nos vários ramais da reserva.

Uma maior abundância de caça existe na A.I. Lagoa Comprida, onde o cacique não deixa entrar civilizados para caçar.

Pesca:

Só as aldeias nas margens dos rios Mearim e Corda praticam a pesca, porque lá existem as únicas correntes de água permanente da área. Não há escassez de peixes ou de outros animais aquáticos por causa de interferências de não-indígenas.

Produção de Artesanato:

Esta constitui um complemento às outras atividades econômicas, mas é uma das poucas possibilidades dos Guajajara para obter recursos financeiros, principalmente durante os períodos de escassez. A produção concentra-se na A.I. Guajajara e nas aldeias à beira da BR-226, onde é possível vender o artesanato também a viajantes. Os preços requeridos são baixíssimos. Os comerciantes de artesanato na Rodoviária ou nas lojas de Barra do Corda fazem lucros de pelo menos 100%.

Trabalhos para colonos:

Não foram registrados.

A situação econômica precária em que vivem os Guajajara no Município de Barra do Corda, e cuja expressão é uma pobreza em muitos casos comparável àquela da população rural maranhense de camadas baixas, além de não possuir possibilidades adequadas para desenvolver-se, causou, no passado, uma grande dependência física e mental da FUNAI e de outras entidades, o que se mantém ainda hoje.

3.3. Condições de Saúde

Pelos contatos intensivos mantidos com a população rural não-indígena, os Guajajara sofrem de muitas doenças contagiosas, que antigamente não havia entre eles. As mais comuns entre estas doenças são gripes, diarreia, malária, desidratação, coqueluche, TBC, varicela, sarampo, verminoses e varíola (nesta ordem). De tempos em tempos ocorrem verdadeiras epidemias como, p.e., no caso da aldeia Cocalinho onde cerca de 65% dos habitantes foram atingidos por malária em 1.989. Outras doenças não-contagiosas, como várias febres, reumatismo, escabioses e inflamações pulmonárias são muito comuns também de modo que pode-se dizer que os Guajajara não são uma população muito sã. A espetati-

va média de idade é baixa.

A SUCAM fornece um serviço sério e regular de controle, principalmente no combate contra a malária. Só a dedetização das casas representa um problema extremamente crítico, porque DDT é um veneno muito perigoso que pode causar vários tipos de câncer e que, por isso, foi proibido nos Estados Unidos e na maioria dos países europeus já na década de 60.

O serviço de saúde da FUNAI, na maioria dos casos, é muito ineficaz, porque apresenta os seguintes problemas:

- escassez geral de remédios e equipamento medicinal;
- falta de médicos;
- fraca infraestrutura de enfermarias ou postos de saúde, em geral apenas nos Postos Indígenas;
- dificuldades de tratamento e de transporte de casos mais graves por falta de meios básicos de comunicação com Barra do Corda (rádios, p.e.), e pela passagem rara de carros da FUNAI;
- ausência frequente e arbitrária do pessoal de saúde da FUNAI.

Isto cria situações grotescas: algumas aldeias, como Cacimba Velha e Crioli, estão obrigadas a recorrer às instalações de saúde dos invasores de São Pedro dos Cacetes, e alguns índios têm que fretar carros, com os recursos esparsos dos quais dispõem, para mandar curar casos mais graves de doença em Barra do Corda.

3.4. Situação no Setor de Educação

Apenas podem ser feitos depoimentos sobre a situação nas A.I. Cana Brava e Lagoa Comprida.

Em geral, a frequência dos cursos é boa, principalmente os de alfabetização e do 1.º grau, mas nas aulas individuais há grandes irregularidades e discontinuidades de frequência. Existem muito poucos Guajajara que passaram por um curso mais avançado que o do 2.º grau e em muitos casos é impossível falar de indivíduos verdadeiramente alfabetizados, porque muitos esqueceram-se dos poucos conhecimentos adquiridos nas escolas. Relações mais circunspectas com a sociedade brasileira são dificultadas por estas circunstâncias.

As causas dessa problemática são as seguintes:

- falta de pessoal escolar em algumas aldeias;

- uma quantidade insuficiente de monitores bilíngües para começar a alfabetização na língua indígena, o que facilitaria muito mais o verdadeiro entendimento de escrita e leitura (para recordar: os Guajajara são um dos dez povos entre os quais iniciaram o projeto para monitores bilíngües, na década de 70);
- falta de compreensão do sentido de ir à escola por parte dos índios.

O conhecimento da língua portuguesa, parcialmente insuficiente e incorreto, é mais resultado dos contatos intensivos com a população rural do que do ensino escolar.

3.5. Conduta do Pessoal da FUNAI

Aqui o problema não é a chefia da Delegacia Regional ou a dos seus vários setores, mas o pessoal brasileiro (não os funcionários indígenas!), que tem a obrigação de trabalhar nas áreas junto aos índios.

Na maioria dos casos, falta a vontade de ficar nas aldeias por algum tempo, um mês inteiro, p.e., e integrar-se na vida de lá. Muitas vezes, depois de duas ou três semanas já voltam para Barra do Corda para passar o tempo à vontade. (Não falo dos casos em que é necessário fazer transportes de doentes ou de materiais.) Esta conduta pode ter impactos extremamente negativos no caso da ausência do pessoal de saúde.

Atualmente não há casos de alcoolismo entre os funcionários, pelo menos não durante o trabalho nas aldeias.

A maioria dos funcionários são administradores corretos, que produzem os seus relatórios obrigatórios a tempo e prestam muito trabalho burocrático, mas isto não é o tipo de assistência desejada pelos índios. Os Guajajara perderam a confiança na FUNAI já há alguns anos. Eles comparam a FUNAI muitas vezes com o antigo SPI, dizendo que o último tinha sido muito ineficaz, mas que o seu pessoal tinha tido mais responsabilidade e vontade de viver com os índios.

O administrador atual da Delegacia, Júlio César de Moraes, junto com um pequeno grupo de funcionários, tenta recuperar a confiança perdida por grandes esforços pessoais e um empenho muito escrupuloso. Ele merece ser apoiado neste caso por todos os meios possíveis.

4. A Associação Guajajara

A Associação Guajajara foi fundada no dia 31/01/1.990, com os seguintes objetivos:

- obter uma solução da questão da terra por meios pacíficos, i.e. políticos-jurídicos;
- melhorar a situação econômica e de saúde por negociações independentes com outras entidades além da FUNAI, p.e. o Banco Mundial; e
- promover a revitalização de certos aspectos da cultura tradicional, p.e. algumas festas, cerimônias e rituais.

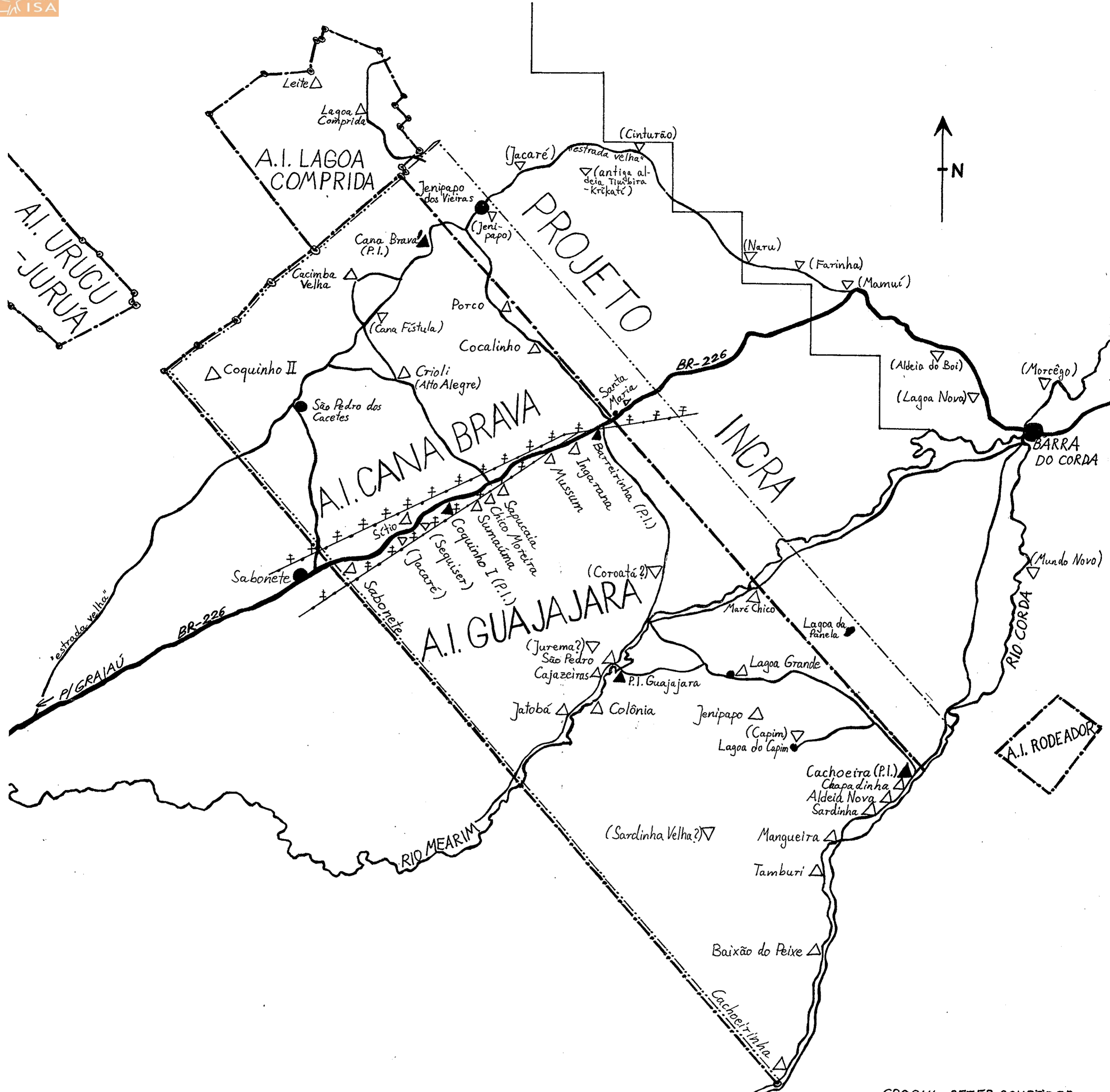
A Associação não foi fundada em contraposição à FUNAI, mas para superar as dependências estabelecidas e a inatividade assumida por causa do paternalismo tradicional do órgão indigenista. Há uma estrutura claramente definida por estatutos, que, por causa da língua portuguesa de expressão jurídica e complicada, infelizmente até agora não foram entendidos por muitos caciques. Durante as reuniões mensais ainda é necessário fazer muito trabalho de explicação e conscientização. Para alcançar os objetivos aspirados, os representantes da Associação tentam convencer todos os Guajajara a acabar com os antagonismos e as brigas tradicionais entre as pequenas comunidades locais. Neste processo eles são apoiados por alguns funcionários da FUNAI. Por convidar representantes de outros povos de línguas tupi-guarani, tentam criar uma consciência indígena além dos limites étnicos, nisto sendo apoiados pela ELETRO-NORTE através do fornecimento de recursos financeiros e meios de transporte.

Atualmente a Associação ainda está em fase de estabilização.

Köln, 04 de março de 1.991

Peter Schröder



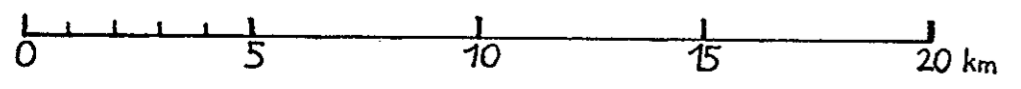


CROQUI: PETER SCHRÖDER

A.I. CANA BRAVA/GUAJAJARA E LAGOA COMPRIDA

- aldeias atuais e extintas (Municípios de Barra do Corda e Grajaú - MA)

ESCALA: 1:164.000



CONVENÇÕES

- áreas demarcadas
- .-.- área doada através da Lei 1.079/23
- +--+ rede elétrica CHESF/ELETRONORTE
- △ aldeia atual
- ▲ aldeia com Posto Indígena
- ▽ aldeia extinta